

vou olhos ao Alto e, colocando as mãos sobre a cabeça do doente sentado, ia dizendo a oração:

— Senhor, eu te agradeço a infinita misericórdia...

E o amigo repetia:

— Senhor, eu te agradeço a infinita misericórdia...

— E prometo...

— E prometo...

— Que serei paciente e humilde...

— Que serei paciente e humilde...

— Que procurarei o caminho do bem...

— Que procurarei o caminho do bem...

— Que executarei o trabalho que a tua vontade determinar...

— Que executarei o trabalho que a tua vontade determinar...

— Que abrirei minha bolsa todos os dias, em favor dos necessitados...

Mas, nesse ponto, sentindo talvez que o compromisso enunciado era para ele excessivamente pesado, o doente começou a gritar e piorou outra vez...



12

Incêndio na Serraria

I

O grupo de senhoras estava em prece.

Chamados a ouvi-las, nós, os desencarnados, tínhamos o coração enternecido.

Desejavam construir uma escola. E mentalizavam no doce requerimento o modesto edifício, limpo e alvo, que ofertariam aos pequeninos.

— Senhor — dizia a mais experiente das quatro —, Senhor, inspirai-nos e protegei-nos. Agradecemos as dádivas que já recebemos em vosso nome. O pedaço de terra, a pedra e a cal... Agora, Senhor, precisamos de madeira para dar início... Confiadas em vosso amor, visitaremos a fábrica de móveis... Rogaremos auxílio, contando com vossa bênção!

Em seguida, levantaram-se para sair. E, comovidos, junto delas, pusemo-nos igualmente em marcha.

II

O gerente da serraria-oficina, importante empresa da grande cidade, recebeu a comissão cortêsmente.

Contudo, o Dr. Alberto — era ele engenheiro hábil —, ao ouvir a sucinta exposição, esfriou, desapontado.

Mas, mesmo assim, a conversação se fêz viva.

— Não temos interesse algum em concessão semelhante — disse.

— Doutor, mas é uma escola destinada às crianças menos felizes — falou D. Rute, a maior responsável.

— As portas serão abertas em nome de Deus — falou D. Constância.

— Contamos com o senhor — acentuou D. Ester.

— Deus recompensará o que possa fazer — aduziu D. Amália.

— E que temos a ver com Deus? — falou ele, mordaz. — A educação é obra para governos. Não será lícito imiscuir o Criador em negócios que não lhe dizem respeito. Digo isso em consideração às senhoras, porque, de mim mesmo, sou materialista confesso. Ateu. Ateu puro.

D. Rute sorriu, delicada, mas não se deu por vencida. E aclarou:

— Decerto que esperamos do governo que nos dirige providências mais amplas a favor dos meninos. Entretanto, até que isso aconteça, não será compreensível fazer algo de nossa parte? O ensino será totalmente alheio ao ensino religioso.

— Mas, porque envolver Deus nesta história? — resmungou o engenheiro, positivamente sarcástico.

— Porque não? — ponderou D. Rute, paciente. — Respeitamos o seu ponto de vista, o seu modo de pensar... Mas cremos na força inteligente da vida. Admitimos a eterna bondade que orienta os sucessos do mundo. Sabedoria e amor que chegam de Deus. O senhor comanda uma fábrica. Conta dezenas de empregados. Dispõe de muitas máquinas. Entretanto, doutor, acreditamos que toda a matéria prima, como sejam as árvores cortadas, os instrumentos em uso, o equilíbrio dos servidores e até mesmo a sua própria saúde são doações de Deus, que a todos nos sustenta.

— Quem é o dono real de tudo, senão Deus? — falou D. Ester, com brandura e espontaneidade.

O Dr. Alberto mostrou-se mais irônico. Referiu-se à Natureza. Exibiu mapas e apontamentos sobre botânica. Comentou as vitórias da contabilidade, da técnica, da fiscalização, da higiene...

Por mais de uma hora falou e falou sobre os novos progressos da Humanidade. E acabou notificando que não daria peça alguma, nem mesmo um centavo.

As senhoras, apesar de sorridentes, levantaram-se acabrunhadas.

Tudo em vão.

Começaram as despedidas corretas, quando o inesperado aconteceu.

III

— Doutor Alberto! Doutor Alberto! — gritou um operário, varando a porta do gabinete. — Depressa! Venha depressa! O fogo está devorando a secção de compensados.

Alarido interior. Campainhas vibrando. Corre-corre. Brados por socorro multiplicam-se angustiantes.

O engenheiro movimenta-se, espavorido.

As senhoras instintivamente lhe seguiram os passos. E nós também.

O incêndio nascera de violento curto-circuito.

Dr. Alberto, muito pálido, ordena e coopera. Há deficiência de pessoal. As senhoras, porém, corajosamente, tomam a dianteira do trabalho salvacionista, como se lhe fôssem subalternas de muito tempo.

Empunham mangueiras. Deslocam móveis. Transferem tábuas pesadas. Combatem o fo-

garéu. E pulam. E sofrem queimaduras ligeiras. Estafam-se. E vencem. Finda meia hora de intensa luta, as chamas se extinguem. Ainda assim, esclarece o chefe de obras que duzentos mil cruzeiros de madeira compensada deviam estar perdidos. A casa não estava segurada contra incêndio.

O Dr. Alberto, todavia, agora calmo, aproxima-se das damas, quatro heroínas aos seus olhos e, cumprimentando a diretora da comissão, disse, gentil:

— Dona Rute, penso que Deus ganhou a questão de sua escola. Mudei de ideia. Mande buscar amanhã toda a madeira de que necessite. E mais o que precisar.

E, bem humorado, acrescentou:

— Depois conversaremos sobre Deus, como dono desta oficina...

As senhoras, chamuscadas, com as vestes sujas e rasgadas, sorriram e retiraram-se.

Depois de dois meses, escola singela e branca recebia quarenta meninos. Doutor Alberto, presente à inauguração, contou a história do incêndio, e um garoto, em seguida, fêz pequeno agradecimento, terminando com a bela exclamação:

— Que Deus nos abençoe!

